

DOIS FILÓSOFOS DUAS FILOSOFIAS: INTRODUÇÃO À CORRESPONDÊNCIA DE MALEBRANCHE SOBRE ESPINOSA

Cleiton Zóia Münchow *

Um fato é sempre interpretação¹. É o que nos diz Merleau-Ponty em *L'union de l'âme et du corps chez Malebranche, Biran et Bergson*, ao se encaminhar para suas considerações finais a respeito da interpretação que Brunschvicg fez de Malebranche. Ao indicar que a interpretação é constitutiva do fato, o filósofo pretende lembrar que as interpretações em filosofia também têm seus limites. Limites que o próprio Merleau-Ponty observa na interpretação sobre Malebranche exposta em *Spinoza et ses Contemporains*, a qual, segundo o autor, apresenta Malebranche de um ponto de vista da filosofia espinosana, notadamente a partir do princípio espinosista de que toda determinação é negativa, o malebranchismo aparece como uma resistência ao espinosismo (no sentido freudiano da palavra resistência)².

Segundo Merleau-Ponty, ao se preocupar em estabelecer se é preciso que busquemos idéias claras, ou se é preciso que compreendamos as coisas tal como elas são, Malebranche estabelece uma distinção do seu projeto em relação ao de Espinosa. Isso, por si só, nos interdita pensá-lo como um Espinosa incompleto (*manqué*). Por fim, essas observações têm o fito de apontar para o erro da efetuação de um reducionismo da filosofia de Malebranche à filosofia espinosana.

Um grande exemplo desse reducionismo é o capítulo da *História da Filosofia* de Hegel em que este apresenta Malebranche como mero decalque espinosano. Decalque que, pelo tom do discurso hegeliano, é apresentado como mal feito. No capítulo em questão, Malebranche, em cada um dos pontos importantes de sua

metafísica, é comparado a Espinosa e sempre perde nessa comparação.

Hegel divide sua apresentação em três tópicos: a) sobre a origem do conhecimento, no qual depois de expor as teses de Malebranche sobre o conhecimento nos diz que *se analisamos isto a fundo, vemos que este ponto de vista não se distingue do espinosismo*³; b) a conversão do geral em essencial para a concepção das coisas particulares, Hegel afirma que as teses de Malebranche sobre este tópico são o mesmo que em Espinosa⁴, e, por fim, c) *no que se refere à orientação da alma a caminho de Deus, diz Malebranche o mesmo que Espinosa havia dito pelo lado ético*⁵.

Depois de expor, em poucas páginas, a filosofia de Malebranche procurando reduzi-la à filosofia de Espinosa, Hegel passa a tratar dos temas que considera ser exclusivos a ela. No único parágrafo em que isso ocorre, único em que Hegel não procura reduzir Malebranche a Espinosa, ele escreve o seguinte: *Fora isto, se encontra toda uma série de vazias divagações sobre Deus e um catecismo para crianças de oito anos*⁶. Portanto, todas as teses que na filosofia de Malebranche não podem ser reduzidas as de Espinosa não passam de consideração vazias.

É imperativo seguir as observações de Merleau-Ponty para que não cheguemos ao extremo reducionismo hegeliano. No entanto, não podemos também esquecer que se a filosofia de Malebranche não surge como mera resistência a de Espinosa, ela também toma esse papel para si. Afinal, o próprio Malebranche em diversas passagens da sua obra se mostra contrário à

* Mestrando em FILOSOFIA na UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - UFPR e Bolsista da CAPES.

¹ MERLEAU-PONTY, M. *L'union de l'âme et du corps chez Malebranche, Biran et Bergson*. p.10.

² Idem.

³ HEGEL, G.W.F. *Lecciones sobre la historia de la filosofia*. Tomo tercero. p. 312.

⁴ Idem. p. 313.

⁵ Idem.

⁶ Idem p. 314.

filosofia espinosana, chegando inclusive, no seu *Diálogo de um Filósofo Cristão e de um Filósofo Chinês*, a direcionar as críticas expostas nesta obra à filosofia de Espinosa.

No Diálogo em questão, que Malebranche indica a Mairan na correspondência, ele nos diz o seguinte: [...] *o sistema do ímpio Espinosa faz aqui grandes danos, e parece-me que há muita relação entre as impiedades de Espinosa e as do nosso Filósofo Chinês*⁷. A comparação da filosofia de Espinosa com a do Chinês, que ele procura combater para converter, termina informando-nos que poderíamos trocar o nome *Chinês* por *Espinosa* que nada de essencial seria alterado no escrito.

Portanto, se, por um lado, Malebranche não pode ser tomado como simples filosofia de resistência, não podendo também ser reduzido ao pensamento geométrico-imanente de Espinosa; por outro lado, sua filosofia procurou combater a de Espinosa, e principalmente porque, de fato, existem pontos comuns entre elas. Embora as quatro cartas de Malebranche a Mairan apresentem uma filosofia resistentes, o leitor não pode perder de vista, como bem assinalou Merleau-Ponty, que ela não se reduz a isso.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENNETT, J. *Um estudo de la Ética de Spinoza*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

BRUNSCHVIG, L. *Spinoza et ses contemporains*. Paris: Presses Universitaires de France, 1951.

CHAU, M. *A nervura do real: Imanência e liberdade em Espinosa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CUVILLIER, A. *Essai sur la mystique de Malebranche*. Paris: Vrin, 1954.

MALEBRANCHE, N. *A Busca da Verdade*. São Paulo: Discurso, 2004.

_____. *Diálogo entre um filósofo Cristão e um filósofo Chinês*. Lisboa: Edições 70.

_____. *Meditações Cristãs e Metafísicas*. Lisboa: Edições Colibri, 2003.

_____. *De la recherche de la vérité. Œuvres*, v.1. Dijon: Gallimard, 1979.

_____. *Entretiens sur la Métaphysique, sur la Religion, et sur la Mort. Œuvres*, v. 2. Dijon: Gallimard, 1979.

_____. *Lettres à Dourtous de Mairan. Œuvres*, v. 2. Dijon: Gallimard, 1979.

MERLEAU-PONTY, M. *L'union de l'âme et du corps chez Malebranche, Biran et Bergson*. Paris: Vrin, 1978.

Espinosa, B. *Ética demonstrada à maneira dos geômetras*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

HEGEL, G.W.F. *Lecciones sobre la historia de la filosofia*. Tomo tercero. México: Fondo de Cultura Económica, 1955.

SCRUTON, R. *Espinosa*. São Paulo: Loyola, 2001.

SPINOZA, B. *Éthique démontrée selon l'ordre géométrique et divisée em cinq parties*. Ed. Bilingue. Trad. B. Pautrat. Paris: Ed. Du Seuil, 1999.



⁷ MALEBRANCHE, N. *Diálogo entre um Filósofo Cristão e um Filósofo Chinês*. p. 54.

CARTAS DE MALEBRANCHE A DORTOUS DE MAIRAN ¹

PRIMEIRA CARTA

Senhor,

[1] No momento encontro-me no campo, não tenho aqui o livro do qual me falais. Outrora li uma parte, mas rapidamente me desgostei, não somente pelas conseqüências que são horrorosas, mas também pela falsidade das pretensas demonstrações do autor. Ele dá, por exemplo, uma definição de Deus² que lhe poderíamos tomar em um sentido; mas acaba por empregá-la em um outro do qual conclui seu erro fundamental, ou antes, num sentido que contém esse erro; de modo que supõe aquilo que pretende provar. Considere a possibilidade, senhor, de reler as definições, etc., que ele cita nas suas demonstrações e descobrirei, se eu não me engano, o equívoco que faz com que não as prove. Para mim, bem longe de encontrar, ao ler seu livro, a claridade que busca toda demonstração, encontro grande obscuridade e muitos equívocos.

[2] A principal causa dos erros desse autor deriva-se, me parece, do fato de que ele toma as idéias das criaturas pelas criaturas mesmas, as idéias dos corpos pelos corpos e supõe que os vemos neles mesmos: erro grosseiro como sabeis.³ Pois, estando convencido interiormente

¹ Tradução de Cleiton Zóia Münchow e revisão de Marcos Aurélio Silvestre.

² Referência direta à definição 6 de EI. “Por Deus entendo o ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consta de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita”.

³ Todo esforço de Malebranche será o de tentar mostrar que é um equívoco, por parte de Espinosa, querer falar das existências a partir das idéias. Só podemos, segundo ele, afirmar das idéias aquilo que elas contêm, ou seja, às propriedades das idéias enquanto idéias. É incorrer em erro querer referir tais propriedades às coisas (**CONTINUA**)

que a idéia da extensão é eterna, necessária, infinita, e, supondo, por outro lado, a criação como impossível, ele toma pelo mundo (ou extensão criada) o mundo que é objeto imediato

(**CONTINUAÇÃO DA NOTA 3**) mesmas. Malebranche procura se livrar disso porque percebe que o discurso empreendido na *Ética* pretende ser um discurso sobre o real. Recentemente em uma pequena, mas excelente introdução à filosofia de Espinosa, Scruton se aproxima da crítica de Malebranche quando nos diz que há um pressuposto oculto na filosofia de Espinosa, a saber, o de que a realidade e as concepções coincidem. Nesse sentido, podemos ler: “ao longo das provas da *Ética*, por conseguinte, o leitor jamais tem certeza se as idéias extraordinárias que lhes são apresentadas com tanta força são ficção ou realidade”. Op. cit. p. 47. Bennett, parece sequer perceber o que Malebranche identifica como confusão de Espinosa. Segundo ele, “quando Espinosa diz que os resultados são *demonstrata* – demonstrados ou provados rigorosamente – presumivelmente está falando da lógica e não da psicologia de seus procedimentos. Isso seria razoável; se alguém tem um argumento logicamente válido com premissas verdadeiras e conclusão P, isto é uma demonstração de P ainda que não convença a ninguém da verdade de P, porque as premissas não são obviamente verdadeiras”. Cf. Op. Cit. p. 23-24. Assim, segundo o comentador, Espinosa não teria pretensão maior do que a de elaborar um discurso logicamente consistente, caso sua pretensão se estendesse para além disso, “ele [Espinosa] deveria estar loucamente otimista a respeito da verossimilhança das definições e dos axiomas iniciais. Eu não creio”. p. 21. Além disso, para questionar a validade da aplicação do método geométrico Bennett se refere aos *Princípios da Filosofia Cartesiana*, obra em que Espinosa apresenta a filosofia de Descartes segundo o método geométrico. Isso levaria a seguinte questão: Como pode Espinosa demonstrar geometricamente uma filosofia que não é a verdadeira filosofia? Isso sugere que há um descompasso entre o método geométrico e a verdade, ou pelo menos que é possível realizar demonstrações a partir de princípios que não são verdadeiros. Em outras palavras, é possível demonstrar o falso como se este fosse verdadeiro, e, portanto, o método empreendido por Espinosa não pode ser tomado imediatamente como discurso sobre o real. Sobre essas questões Cf. HOMERO. *Espinosa e o cartesianismo: o estabelecimento da ordem nos Princípios da Filosofia Cartesiana*.

do espírito. Assim, confunde Deus ou a soberana Razão, que contém as idéias que esclarecem nossos espíritos, com a obra que as idéias representam. Não poderei, aqui, me explicar mais longamente, pois não é possível sem que se perca muito tempo e eu quase não o tenho, minha mão treme. Filosofar por cartas, sobretudo no caso de matérias abstratas – mesmo em presença, ou em disputas, se leva muito tempo sem que se chegue a um entendimento. Embora não tenha escrito *ex professo* contra o autor, poderei encontrar alguns esclarecimentos acerca das vossas dificuldades nos *Diálogos entre um filósofo cristão e um Chinês*⁴ que escrevi há dois ou três anos, essa obra trata da natureza e da existência de Deus. Mas, com respeito ao autor, basta reconhecer que se seguem dos seus princípios uma infinidade de contradições e de sentimentos ímpios para que possamos nos defender de suas pretensas demonstrações, mesmo quando elas parecem convincentes. Pode ser que as tenhamos refutado mal; mas não se segue disso que ele tenha razão. Não li as refutações que têm sido feitas a esses erros, pois não tenho necessidade; dessa forma, não posso julgar. Fiz o que me ordenastes no fim de sua carta, com respeito,

Senhor,

Vosso mui humilde e mui obediente servidor.

Malebranche, P.D.L.O.

29 de setembro.

⁴ João Gama, em sua tradução da referida obra, acrescenta as respostas de Malebranche a um de seus objetores. Nestas respostas, fica patente que o confronto com o pensamento Chinês é um pretexto para combater o espinosismo indiretamente. O filósofo chega a afirmar que é possível que se troque *Filósofo Chinês* por *Espinosa* sem que ocorra qualquer dano. Cf. Malebranche, Op. cit. p. 53. “É que ele está de acordo em que o sistema do ímpio Espinosa faz aqui grande danos, e parece-me que há muita relação entre as impiedades de Espinosa e as do nosso Filósofo Chinês. A mudança de nome não alteraria nada no que é essencial ao meu escrito”.

SEGUNDA CARTA

Senhor,

[3] Recebi a cerca de um mês a segunda carta que fizestes a honra de me escrever. Reli algumas passagens do autor para lhe responder prontamente, mas tendo esquecido vosso endereço e procurado inutilmente o papel onde havia anotado, desisti. Além disso, neste meio tempo, encontrava-me e ainda encontro-me sofrendo de uma forte e lamentável constipação e de uma dificuldade de respirar. Creia que, fora esses infortúnios, ainda fui obrigado a responder a um livro que atacava meus sentimentos sobre a graça, o qual fez muito estardalhaço.⁵ De tudo isso, resultou que não pude responder, a não ser em poucas palavras, a sua carta, não pude nem sequer examinar em detalhe as pretensas demonstrações do autor.

[4] Tenho a honra de vos escrever que a principal causa dos erros estão no fato de que o autor confunde as idéias que são eternas, imutáveis e necessárias com os objetos dos quais elas são os arquétipos; já que tens o pequeno *Diálogo de um filósofo Chinês*, etc., espero que ele lhe esclareça minhas razões.

[5] Segundo a terceira definição do autor, comum aos filósofos para os quais podemos conceber só uma substância e uma modificação a qual não podemos conceber sem a substância da qual ela é uma modificação. Porém eu posso conceber, imaginar e sentir só um pé cúbico⁶ de extensão sem pensar em outra coisa; por isso essa extensão é a substância e sua figura cúbica a modificação. O mesmo se dá com os números, os numerantes e os numerados: 2 não é uma modificação de 4, mas a metade; nem duas moedas são a modificação de quatro moedas, segundo sua terceira definição. Logo, posso pensar duas sem pensar quatro. Isso é evidente.

⁵ Segundo Geneviève Rodis-Lewis Malebranche está se refrindo ao livro do padre Boursier que apareceu em 1713 com o seguinte título: *De l'action de Dieu sur les créatures, traité dans lequel on prove la prémonition physique*.

⁶ No original *ped cube*, trata-se de uma antiga unidade de medida de longitude. Seguimos aqui a tradução sugerida por João Gama que no *Diálogo entre um Filósofo Cristão e de um Filósofo Chinês* traduz *ped cube* por *pé cúbico*.

[6] O autor não prova, por isso, que não há mais do que uma substância. Prova somente que não há mais que uma soberana Razão que contém as idéias de todos os seres possíveis: e não prova, em lugar nenhum, que essa razão que o ilumina seja o universo, e que o céu, a terra, os homens e ele mesmo sejam modificações dessa razão. E, se pode negar que existam corpos criados ou substâncias extensas que correspondem às idéias que delas tem, certamente não pode negar que ele mesmo existe e que outros homens existem. Por outras palavras, não prova que não há mais que uma substância, mas somente que não há mais que um Deus ou mais que uma soberana Razão que contém todas as idéias que agem imediatamente sobre o espírito do homem. Senhor é preciso estar em presença para poder concordar sobre essas questões abstratas e se colocar um ao outro a propósito; pois às vezes mesmo em presença isso é muito difícil. Assim, peço que receba minhas desculpas por ter lhe dado resposta muito curta. Tendo tão grande espírito, como pude perceber pela tua carta, não necessitas de nenhuma pessoa para descobrires os falsos raciocínios do autor.

Sou, com muito respeito, seu mui humilde e mui obediente servidor.

Malebranche, Padre do Oratório.

Paris, 5 de dezembro.

TERCEIRA CARTA

Senhor,

[7] Gostaria de ter conseguido mais tempo para refutar o autor em questão e satisfazer vosso desejo até onde eu o pudesse; mas precavendo-me de que este tempo jamais me seria dado, que minha mão treme muito, e, por isso, sobretudo, que não pude escrever uma linha legível no tempo que teria escrito, outrora, uma página. Foi o medo de fazê-lo esperar longo tempo por pouca coisa que me impulsionou a responder sua carta de 6 de maio. Minha resposta exigirá de ti que aumentes a estima que tens por mim e que nisso me rendas justiça, ela não lhe dará motivos para pensar que sou pouco sensível aos seus olhos.

[8] Senhor, reli vossas cartas precedentes, em especial a última. Não somente me parece que eu o tenha apontado, naquela que tive a honra de te escrever, em que consiste o paralogismo do autor e a causa do seu erro: que é o de confundir o mundo, a extensão criada, que não pode ser objeto imediato do espírito porque não pode afetá-lo nem nele agir, com a idéia desta extensão que chamo de extensão inteligível, pois é só ela que afeta o espírito. Ora, esta extensão inteligível não é produzida, mas necessária, eterna e infinita: creio ter provado a essência de Deus, não segundo seu ser absoluto, mas enquanto contém, entre todas as suas realidades ou perfeições, aquela da extensão; pois Deus está por tudo. No entanto, a extensão local da qual o mundo é composto, Paris, Roma e meu próprio corpo – extensão que não é objeto imediato de meu espírito – não existe necessariamente. Pois concebo que mesmo se Deus tivesse arrasado o mundo criado, se Deus me afetasse como ele me afetou, eu veria como vejo e creia que este mundo ainda existe, pois não é este mundo que age em meu espírito. A alma é uma substância que percebe o que a toca e a modifica, algo que o corpo não pode fazer.

[9] Eu disse, por isso, que o autor se engana, pois substitui a idéia do mundo, o mundo inteligível ou extensão inteligível, pelo mundo; as idéias pelas coisas mesmas. Acredita que a

extensão do mundo é eterna, necessária, etc., porque assim é a extensão inteligível: funda sobre esse princípio mal fundado, ao qual tu te referes, que podemos afirmar de uma coisa aquilo que podemos conceber como contido na sua idéia. Esse princípio é verdadeiro, porque Deus não pode ter criado seres cujas idéias ele não tenha, e, porque, as idéias que Deus tem são as mesmas que as nossas, quando estas são necessárias. Pois não teríamos nada de certo se as idéias que temos fossem diferente daquelas de Deus. Esse princípio é verdadeiro por relacionar as propriedades dos seres, mas não é verdadeiro por relacionar à sua existência. Posso concluir que a matéria é divisível, porque a idéia que tenho me representa isso, mas não posso assegurar que ela exista, embora não possa duvidar da existência da sua idéia. Pois sua idéia é atualmente o objeto imediato de meu espírito, e não a matéria mesma, e não posso saber que ela existe a não ser por uma revelação natural ou sobrenatural, como foi explicado nos *Diálogos metafísicos*. O mundo inteligível é em Deus e é Deus mesmo, pois tudo que é em Deus é substancialmente Deus todo. Não é uma modalidade, pois não há modalidade no infinito, o nada no ser, ou que limite o ser infinito. Deus é tudo o que é, por tudo o que é, em tudo o que é, é isso que o espírito finito não pode compreender. Mas nós não vemos a essência de Deus segundo o que ele é nele mesmo absolutamente, quando pensamos a extensão do mundo inteligível. Vemos apenas o que Deus via em si mesmo quando quis criar o mundo.

[10] Não compreendo senhor como tiveste dificuldade de compreender (Carta precedente) a diferença que há entre a idéia de uma coisa e a coisa mesma, entre a extensão criada – que chamo material do qual o mundo é composto, e que sem o movimento, que é a causa das diferentes figuras, não seria mais que uma massa informe – e a idéia de Deus, na qual e pela qual ele afeta meu espírito, idéia que chamo de inteligível, porque a matéria (extensão criada) não tem eficácia própria e não pode agir sobre meu espírito. Estou surpreso como, da resposta de Teodoro (*Diálogo metafísicos*, n.º 12), tu conclus que por extensão inteligível, *é claro que não entendo outra coisa que substância*

extensa, da qual a *extensão criada ou material, quer dizer, os corpos, a cor, a dureza, etc., que afetam nossos sentidos e nossa imaginação não são mais que simples modos.*⁷ Meu entendimento é o oposto disso que pensas. Isso é evidente pelo que precede, mas explicarei:

[11] Quando penso a extensão com os olhos fechados, a idéia de extensão que me represento é imensa e por todo lado a mesma, porque ela afeta meu espírito, por todos os lados, de uma pura percepção, e irrefletidamente me parece que não é nada e não representa nada de real. Eu a chamo de extensão inteligível, porque essa idéia não me afeta pelos sentidos. No entanto, assim que abro os olhos digo que é essa mesma idéia, e não qualquer outra, que me afeta de percepções sensíveis que chamamos cores: vermelho, verde e azul; então, é essa mesma idéia, desvio sensível do inteligível que ela foi, o que quer dizer, que ela me afeta de percepções sensíveis. Pois a mesma idéia por sua eficácia, pois tudo que é em Deus é eficaz, digo, pode afetar a alma de diferentes percepções; e, é a mesma em cada parte ideal, digo ideal porque a extensão inteligível não é localmente extensão e não tem partes extensas. Por exemplo, a idéia de mão, que só é objeto imediato de meu espírito, pode num mesmo tempo me afetar de diferentes percepções, a saber, por meio das cores, do calor, da dor, e, se Deus quisesse poderia de outras cem mil maneiras: pois é certo que as percepções sensíveis não são mais que modificações da alma diferentes da idéia, ou do objeto imediatamente percebido. Se, por isso, olho minha mão, tenho a percepção da cor; se a olha-se na água, teria a percepção do frio; e, se ao mesmo tempo eu a olhasse na água fria, eu experimentaria a modificação ou percepção da dor. Assim, a mesma idéia da minha mão pode me afetar ao mesmo tempo de diferentes percepções: e a mais forte [razão] é essa mesma idéia que pôde afetar Aristides, segundo a resposta que ele dá a Teodoro, quando ele tem ligeiras e diferentes percepções, ou quando são vivas e interessantes.

[12] Parece-me sempre que a causa dos erros do autor está em que ele confunde a idéia das coisas com as coisas mesmas, as idéias que só

⁷ Grifos do autor.

podem afetar a inteligência com os seres que não podem agir sobre o espírito. No entanto, não é nosso próprio corpo que age sobre nossa alma, mas a idéia de nosso corpo. A mão que faz sentir dor a um maneta, quando a origem dos nervos que corresponderiam à sua mão antes que a tivesse cortado são rudemente movimentados, não é mais que a mão ideal. Com efeito, a mão que ele crê ser aquela que lhe dá a percepção da dor, não existe mais. Antes mesmo que ela fosse cortada, não era ela (a mão) que ele via, e sentia imediatamente, pois não tinha mais que idéias que afetam o espírito: idéias eficazes, porque não são mais que a essência do Todo-poderoso (*Tout-Puissant*), enquanto contém eminentemente as perfeições que criou, que tocam o espírito. A extensão inteligível não é, sem dúvida, a extensão que tu chamas extensa substância, mas a idéia da extensa substância da qual o mundo é composto; a idéia da extensa substância da qual Paris é composta, Roma, etc., são partes e não modos simples. As modificações da extensão não são mais que as figuras que a limitam, e nós jamais tomamos a parte de um todo por uma modificação do todo, uma meia-esfera, seja inteligível, seja material, pelas modificações da esfera; um pé cúbico da extensão por uma modificação de uma extensão infinita, pois uma modificação infinita não seria objeto de modificação, termo no qual consiste a modificação.

[13] Senhor, não compreendo o que respondeste ao que eu disse: que um pé cúbico é uma substância, ou antes, uma infinidade de substância. Ou 12 x 12 x 12 polegares (*pouces*) de substância; pois não posso avistar um polegar (*pouce*) sem perceber um pé cúbico (*pie cube*); mas não posso perceber a figura que a limita (*termine*) sem perceber a extensão que a contém. A figura é o modo, e a idéia da extensão a idéia da substância extensa. É evidente que se um pé cúbico não é substância, mas modificação, uma infinidade de pés cúbicos não será uma substância infinita, mas um agregado infinito de modificações.

[14] Sei bem que um pé cúbico é da mesma natureza que toda outra extensão: mas o que faz com que um pé cúbico se distinga de outro é seu ser próprio, sua existência. Mesmo que

existam seres de mesma ou de diferentes naturezas, seja isso possível, ou mesmo que nada que lhe circunscreva, ele sempre será aquilo que é. Também sei que a idéia de extensão é infinita, que o espírito não pode lhe esgotar, mas a idéia da extensão não é o mundo: é a idéia da substância extensa, substância da qual o soberano Artista, depois de ter criado, compôs o universo com uma arte infinita. Pois ele necessitaria uma substância divisível ao infinito para perpetuar a geração dos animais e das plantas, sem parar o curso uniforme e majestoso de sua providência. Tratei dessa matéria em pontos de vista que dei na última edição da *Busca da Verdade*.

[15] Acredito que o autor está cheio de equívocos e que não prova, aqui, a não ser essa verdade: que a idéia de uma extensão infinita está presente ao espírito, de maneira que o espírito não pode lhe esgotar; e isso é verdade ainda que ele não tenha duas classes (*sortes*) de idéias de extensão; porém confunde a idéia da extensão com o mundo. É preciso que a obra seja conforme a idéia do artista, *idea suo ideato*⁸, como ele fala, entretanto, não é possível que ele seja o artista mesmo.

[16] Para mim, senhor, concebo claramente na extensão inteligível infinita uma infinidade de partes inteligíveis. E que se a extensão criada não fosse mais que uma massa informe sem movimento, teria uma infinidade de partes diferentes das quais poderíamos formar Paris, Roma, cubos e esferas que seriam todos substância particulares dessa substância infinita, e todas do mesmo atributo, ou seja, todas extensas e da mesma natureza, todas substâncias maiores ou menores. Concebo, mesmo com respeito aos homens, que as unidades das quais eles são compostos são infinitas e distinguíveis, entendendo inteligivelmente porque falo de números

⁸ Cf. Espinosa EI def. 6: "A idéia verdadeira deve convir com seu ideato". No entanto, não podemos pensar que Espinosa apresente uma teoria da verdade como correspondência, pois conforme EII definição 4 e respectiva explicação, ficamos sabendo que a idéia verdadeira ou adequada não é verdadeira porque corresponde ao seu ideato, mas corresponde ao seu ideato porque é verdadeira. Assim, a verdade se refere às propriedades intrínsecas das idéias.

numerantes (*nombrants*). Esses não são diferentes substâncias, pois são em Deus e tudo que é em Deus é todo inteiro, se é que podemos falar assim. Ele é um todo. Tal é necessariamente o Ser infinito, isso o espírito humano não deve esperar compreender, até que o vejamos tal qual ele é. Pois nós não podemos saber a não ser sobre as coisas das quais ele nos dá idéias claras, e, nós não concebemos claramente nada além do que a extensão, os números e alguns princípios gerais. Digo, por isso, que ele tem uma infinidade de unidades inteligíveis: caso ele não tivesse mais que dez, não poderíamos pensar cem, pois dez não é cem, e ele conteria dez vezes menos unidades que cem. Assim, o espírito não pode ver cem no dez: pois ele teria noventa que não veria e que não seria. Mas ver nada e nada ter é a mesma coisa. Podemos concluir disso que não há mais que um ser infinito que pode sozinho esclarecer o espírito. Essa é uma verdade que podemos demonstrar de cem maneiras. Eu a provei no *Tratado de Ótica* de tal maneira que acredito que o deixará contente, ainda mais que a ótica é uma matéria onde demonstramos matematicamente as verdades. A ótica faz ver a diferença extrema que existe entre as idéias e os objetos que elas representam e que não existe mais que uma inteligência infinita que possa, em um piscar de olhos, fazer uma infinidade de raciocínios instantâneos, todos regrados pela geometria e pelas leis da união da alma e do corpo. Creio também, antes desse tratado, no quarto volume, ter demonstrado a causa física de todos os efeitos naturais, que provo pela explicação do fogo, da dureza, da fluidez, da reflexão e do peso, o todo fundado sob esse princípio de que os corpos não são movidos se não forem empurrados; e sobre algumas experiências a cerca das quais todo mundo convém e que cada um pode fazer. Senhor, acreditarás que a causa do peso é a mesma que a da refração do vidro? Digo isso para incitar vossa curiosidade em verificar a demonstração, e para vos afastar do autor em questão.

[17] Senhor, queira crer que a evidência não se encontra a não ser que raciocinemos sobre idéias claras e que Jesus Cristo veio para nos instruir pelos apóstolos das verdades quando nós não podemos encontrar essas idéias, nós podemos

edificar pelos dogmas da fé e acabar tendo inteligência. Mas o revogar a dúvida, ou não querer crer até que vejamos claramente a verdade, é uma disposição mortal. Tu citas a *Busca da Verdade*, senhor, leia o terceiro capítulo, art. 2.⁹

[18] É preciso ter uma idéia clara da alma senão nada conheceremos: afinal, o sentimento interior não é propriamente um conhecimento. Nós conhecemos claramente um círculo, um cubo, um número, etc., esse conhecimento é verdadeiro, porque se trata de idéias claras. Mas nós não conhecemos as percepções ou as modificações pelas quais estas idéias afetam nosso espírito, porque nós não temos a idéia ou o arquétipo do espírito. Nós queremos, nós formamos os atos, sem saber o que é um ato; em uma palavra, não conhecemos nada do que sentimos em nós. No entanto, a alma é finita, e mais: ela sente e não se distingue de si mesma. Não devemos revogar em dúvidas as verdades bem provadas por causa das pretensas demonstrações de um autor que não sabe que não podemos demonstrar a não ser idéias claras e que, certamente, não vê a essência divina infinita nela mesma.

[19] Três pessoas se encontram juntas: um filósofo, um geômetra e um reumático (*goutteux*). O geômetra diz ao reumático:

“Crês que tens gota; mas a gota não é nada, vou lhe demonstrar:

A dor não pode ser causada a não ser pelo seu corpo, ou pela sua alma ou por Deus.

1º Ela não pode ser causada pelo corpo; pois teu corpo não pode agir sobre tua alma, pergunte a M. o filósofo.

2º Não é tua alma que se atormenta a si mesma; pois se a dor dependesse de ti, tu não sofrerias jamais.

⁹ “É preciso, portanto, distinguir os mistérios da fé das coisas da natureza. É preciso submeter-se igualmente a fé e à evidência, mas, nas coisas da fé, não devemos buscar a evidência antes de crer nelas, como naquelas da natureza não devemos agarrar-nos à fé, isto é, a autoridade dos filósofos. Em uma palavra, para ser fiel, é preciso crer cegamente, mas para ser filósofo, é preciso ver evidentemente, pois a autoridade divina é infalível, mas todos os homens estão sujeitos ao erro”. Cf. MALEBRANCHE, *A Busca da verdade*, p. 88.

QUARTA CARTA

[20] Enfim, não pode ser Deus, pois Deus não conhece a dor. Certamente Deus não extrai seus conhecimentos a não ser de si mesmo. Ora, ele não tem dor, pois seria infeliz. Ele não pode produzi-la em nós já que não sabe o que é. Isso está demonstrado: pergunte ao filósofo, ou nos mostre o defeito da demonstração.

- Eu sei que ela é falsa, responde o reumático, e que troças de mim: adeus”.

[21] A verdade fiel faz como o reumático. Ele não escuta só àqueles que atacam a fé por medo de ser embaraçado pelas objeções que ele não pode resolver; pois perder a fé é tudo perder. E a fé não vem a não ser por revelação e não pela especulação de idéias claras e distintas das matemáticas e dos números.

Senhor, sou com muito respeito teu humilde e obediente servidor.

Malebranche, P. D. C. O

[22] Senhor, minha saúde com dificuldade se restabelece: ainda tenho sangrado. Tenho sessenta e seis anos. Não sei se responderei a *L'Action de Dieu sur les créatures* (*A ação de Deus sobre as criaturas*), embora já tenha, há tempos, feito minhas observações. O autor fala bem, mas pensa, ao meu gosto, bastante mal. Parece-me que ele inverte todas as idéias que tenho de Deus: sabedoria, justiça, bondade, etc., creio que esse livro será abandonado assim que a prevenção passar. As objeções que ele me faz são aquelas de M. Arnauld, as quais já respondi tanto quanto acreditei ser necessário.

Senhor,

[23] Acabo de receber sua carta datada de 26 de agosto. Prestaste-me tantas honras que a resposta que tenho a honra de lhe ofertar não devia tê-lo feito esperar, já que está ainda menor. Julgo, como afirmei anteriormente, que é tempo perdido filosofar por cartas sobre matérias muito abstratas. Li com atenção sua última carta e permita-me dizer-lhe que não entendi, parece-me que tu também não compreendeu aquela que lhe enviei como resposta. A falta é aparentemente minha, ou antes, nem minha nem sua. É que é impossível se fazer entender claramente quando não estamos de acordo com a definição dos termos de que nos servimos; e não poderemos definir a não ser por meio de outros que serão equívocos como os primeiros. Tanto que os espíritos que têm sentimentos diferentes não podem se fazer atualmente muitas interrogações, não podem também receber respostas. Por exemplo, dos 7 axiomas do autor, só o terceiro me parece sem equívoco.¹⁰

[24] Senhor, creio ter-lhe escrito que sua quinta demonstração era falsa; mas tu queres que eu marque o lugar preciso. É a terceira linha: *Concedetur ergo*, etc.¹¹. Não concordo; pois Paris não é Roma, a bola A não é a bola B. São duas bolas, e, por conseqüência, duas substâncias. «Diria o autor, são duas bolas, mas é a mesma substância, pois uma e outra são extensas». Concordo, a idéia de uma convêm com a idéia da outra. Mas uma pode ser sem a outra, uma

¹⁰ Malebranche se refere ao axioma 3 de EI: “de uma dada causa determinada segue-se necessariamente um efeito; se não existe qualquer causa determinada, é impossível seguir-se um efeito”. No que diz respeito à recusa dos outros sete axiomas contidos no *De Deo*, há um ótimo estudo efetuado por Chaui em *Nervura do Real: imanência e liberdade em Espinosa*, Cf. em especial p. 268 - 271.

¹¹ Referência à terceira linha da demonstração da proposição 5 de EI. “Se fossem dadas várias substâncias distintas, deveriam distinguir-se entre si ou pela diversidade dos atributos ou pela diversidade das afecções (proposição precedente). Se se distinguirem somente pela diversidade dos atributos, conceder-se-á (*concedetur ergo*), conseqüentemente, que somente é dada uma do mesmo atributo”. Cf. Chaui, Op. Cit. p. 272 - 280.

pode ser concebida sem a outra. «Sim, diria ele, mas nenhuma pode ser concebida sem a extensão». É verdade. Mas é que uma substância não pode ser concebida sem isso que a constitui substância. Ela é parte (*partie*) de extensão ou da substância que compõe o universo; mas não é a modificação (*modification*) da extensão; ou pela palavra modificação, ou modo de ser, afecção, termo que não entendo, tu não entendes isso que todo mundo entende. Se nós não prendermos as mesmas idéias aos mesmos termos, nós falaremos inutilmente. A redondeza é, segundo todo mundo, a modificação da substância; ou da extensão da bola, porque não podemos conceber a redondeza sem a extensão. Posso conceber a bola A, e ela pode existir toda só. «Não, diria ele, essa bola seria infinita: pois o que a limitaria (*terminerait*)?» Nada, lhe diria eu. Pois para limitar (*terminer*) não é preciso nada: basta que ela seja tal qual é. A redondeza da bola, não pertence a nada a não ser à bola e não depende de nada que a cerque; seja o ar ou nada, é a mesma coisa. «mas não concebe tu que a extensão é infinita?...» Sim, a idéia da extensão é infinita; mas isso não impede que a bola não seja uma substância, uma parte da substância infinita da qual o mundo é composto. A idéia da extensão é infinita, mas seu *ideatum*, não o é, e não pode ser. Pode ser que atualmente não exista nenhum *ideatum*. Não vejo, imediatamente, mais que idéias, não o *ideatum*: estou persuadido de que a idéia tem sido uma eternidade sem *ideatum*. A idéia é eterna, infinita e eficaz, pois não há mais do que a idéias que agem sobre os espíritos, que lhes esclarece e que lhes pode devolver a felicidade ou infelicidade. Mas não vejo imediatamente o *ideatum*. Não sei a não ser por uma espécie de revelação que ele existe. Em uma palavra, posso conceber que ele não existe. Pois, prestai atenção, meu espírito não sente seu próprio [corpo]; ele não está imediatamente unido com o corpo, mas à idéia de seu corpo. Pois a experiência ensina que um maneta sente a mão que lhe faz mal, mão que ele não tem mais. É, pois, a idéia de sua mão que lhe aflige, e não o *ideatum*. Quando eu não tiver corpo, e não houver nada criado além de minha alma, Deus, por suas idéias eficazes, poderia fazer-me ver e sentir como vejo e sinto. O autor precisa provar e demonstrar o contrário.

[25] Se o autor estivesse presente, me diria aparentemente: «É preciso afirmar de uma coisa isso que concebemos estar na sua idéia. Ora, a idéia da extensão é infinita, por isso o *ideatum* também o é». Eu lhe responderia: o princípio é verdadeiro, mas supõe que o *ideatum* existe, e não prova sua existência. Se víssemos os objetos neles mesmos, não poderíamos vê-los se não existissem: mas, da visão das idéias das coisas, não se segue que as coisas existam. É a idéia da mão que modifica a dor na alma do maneta: o *ideatum*, quer dizer, sua mão, não é mais, ela já foi consumida por vermes. É a idéia de um espectro que assusta o doido e não seu *ideatum*. O princípio é verdadeiro porque aquele que criou os seres sobre suas próprias idéias, nos esclarece por essas mesmas idéias; e Ele só é princípio nessa suposição, pois Deus não criou os seres sobre as nossas idéias, mas sobre as suas. O primeiro e incontestável princípio é este: *tudo que o espírito percebe imediatamente é necessariamente*. Pois se ele não fosse, seria nada, e o espírito, ao percebê-lo, nada perceberia, o que é uma contradição. Mas o princípio cartesiano não é incontestável, a não ser no que diz respeito às idéias que vemos imediatamente e diretamente e não com relação às coisas que vemos nelas mesmas. Ele é bom nas matemáticas puras que não consideram nada além das idéias; mas não é o primeiro princípio na física.¹² Ele só é verdadeiro se supomos que Deus nos esclarece por meio das mesmas idéias sobre as quais formou sua obra.

[26] Não estou com vossa carta senhor: isto nos levaria muito além. Parto amanhã para o campo e não tenho tempo. Assim, creio que tu não acharás ruim que eu termine e que te peça para parar de trabalhar inutilmente. Creio não poder te dissuadir dos teus sentimentos por essas curtas

¹² Segundo Brunschvicg, a diferença do pensamento de Malebranche em relação ao de Espinosa é caudatária de uma diferenciação metodológica. O primeiro não crê na existência de uma unidade entre matemática e metafísica, enquanto o segundo, bem como Mairan, acredita e procura mostrar que existe tal unidade. Conforme Brunschvicg há na obra de Malebranche uma distinção entre as ciências exatas (Geometria, Aritmética), e aquelas que dependem da experiência de fenômenos muito incertos, tais como a Física e a Moral. Cf. Brunschvicg. *Spinoza et ses Contemporains*, p. 214.

respostas às suas cartas, embora longas e bem escritas não revelam ao meu espírito idéias claras. Isso que o autor ousa chamar de demonstração não tem, segundo penso, mais que uma aparência exterior e arranjo de proposições. Demonstrar propriamente é desenvolver uma idéia clara e dela deduzir com evidência o que essa idéia contém necessariamente: e nós não temos, me parece, idéias muito claras para fazer demonstrações além daquelas da extensão e dos números. A alma mesma não se conhece: ela não tem mais que um sentimento interior de si mesma e de suas modificações. Sendo finita ele pode ainda menos conhecer os atributos do infinito. Como fazer essas demonstrações? Para mim somente pelos dogmas da fé nas coisas que vemos, porque estou certo pelas mil razões solidamente colocadas: se descobri algumas verdades teológicas, devo, principalmente, a esses dogmas, sem os quais estaria perdido como muitos outros que não são suficientemente defasados deles mesmos. Rezo a Jesus Cristo que é nossa sabedoria e nossa luz, sem o qual não podemos nada, para que tu descubras as verdades que te são necessárias para te conduzir à vida que conduz à possessão dos verdadeiros bens.

Senhor, sou com todo respeito seu mui humilde e obediente servidor.

Malebranche, P. D. L. O.

[27] Não entendo, senhor, o autor da *Premonição Física*, a respeito desses graus de ser acrescentados à alma, estou persuadido que ele mesmo não se entende. Ele fala melhor do que pensa, ou tem outras idéias que o comum dos homens.

[28] Fiz diversas adições na última edição da *Busca da Verdade*, mas as principais são as do quarto volume, perto do fim.

Paris, 6 de setembro.